**Patrimônio para quem? O Colégio Marista São José visto da janela do Borel**

Ana Carolina Costa Silva UERJ

Pedro Henrique Nascimento de Oliveira UERJ

**Resumo**

O que a convivência entre uma favela e um patrimônio escolar católico comunica? Essa questão surge da investigação das representações do Colégio Marista São José para os ex-alunos e moradores da favela do Morro do Borel no bairro da Tijuca/Rio de Janeiro. Os dados coletados nas entrevistas nos levaram a interrogar o contexto no qual esses territórios passaram a conviver nessa região. A fim de perquirir a ação da Igreja como força modeladora do espaço ao tombar um colégio, bem como as relações existentes entre esse patrimônio escolar católico e a favela do Morro do Borel, contamos com Benjamin e Ginzburg para fazer explodir o continuum da história e percorrer os rastros deixados pelas fontes. Partimos das noções de patrimônio de Gonçalves e Velho, de território de Santos e da pedagogia da cidade de Medeiros Neta para chegar a responder o que a convivência entre a favela e o colégio comunicam sobre os espaços habitados na cidade.

**Palavras-chave:** Colégio Marista São José; Morro do Borel; patrimônio; território.

**Introdução**

“Todo mundo um dia sonha ter

Seu cantinho na cidade

Como é linda a vista lá do meu Borel

Luzes na colina, meu arranha-céu”

(Samba-enredo da GRES Unidos da Tijuca 2020)

Na Tijuca, bairro da cidade do Rio de Janeiro, formado no final do século XVIII, encontramos muitos casarões, igrejas, colégios e chácaras. Dentre esses espaços habitados nota-se a presença há mais de um século de alguns patrimônios tombados. O Colégio Marista São José é um desses bens culturais preservados pelos Decretos Municipais nº 19.010 de 05 de outubro de 2000 e n.º 19.342 de 27 de dezembro de 2000.

O Colégio Marista São José situa-se na Rua Conde de Bonfim, número 1067. Foi o terceiro estabelecimento dos irmãos Maristas[[1]](#footnote-2) no Brasil e o segundo no Rio de Janeiro. Construída em 1932, a instituição cumpre a mesma função social educativa há quase 100 anos.

Prédio com árvores na frente de uma casa

Descrição gerada automaticamenteFigura 1 - Fachada do Colégio Marista São José (rua Conde de Bonfim, número 1067).

Fonte: Google (2023)

A monumentalidade deste prédio aliada ao tempo em que ele se encontra em atividade, levou-nos a investigar o que este patrimônio escolar católico representa para os que nele estudaram e para os que por ele transitam por meio de entrevistas realizadas nas pesquisas desenvolvidas pelo Grupo de Estudos História da Educação e Religião (GEHER-Rio) que tem se debruçado sobre a análise da materialidade das escolas, para além de sua arquitetura, atentando-se para os sentidos atribuídos a elas de modo a considerá-las ou não um patrimônio.

Uma série de entrevistas foram realizadas com ex-alunos e transeuntes, que circulavam em frente ao Colégio. Lançamos mão das metodologias do campo da História Oral construindo interfaces com ferramentas da etnografia. A escolha dos colaboradores obedeceu a lógicas diferentes, embora as questões fossem semelhantes. Para o caso dos ex-alunos, a apresentação de um dos pesquisadores à Associação de Antigos Alunos levou-o a indicações sucessivas para entrevistas, ainda que nem todos participassem da associação. Foram realizadas no colégio e nas casas dos colaboradores. Ao todo foram coletados depoimentos de cinco ex-alunos.

Para o caso dos moradores do bairro ou de pessoas que circulavam em frente ao Colégio, as pesquisadoras passaram tardes e manhãs em frente ao Marista abordando quem passava por ali. Essa não foi uma tarefa fácil. Primeiro, pouquíssimas pessoas andavam pela calçada do colégio, o que as levou a comentar que ela parecia privativa. Frente a esse fator, a pesquisa passou a ser realizada do outro lado da rua, chegou-se a 14 pessoas que aceitaram colaborar com a pesquisa, nove homens e cinco mulheres, em sua maioria moradores do Borel e da Formiga, favelas situadas respectivamente em frente, ao lado e atrás do Colégio.

Para os dois grupos, a coleta de depoimentos realizou-se a partir de entrevistas semiestruturadas, que envolviam a história do sujeito, sua origem social, as razões de frequentar aquele local (rua ou colégio) e qual o significado daquele edifício para eles. Reconhecendo a dimensão narrativa como “fator de mediação entre a identidade pessoal e a identidade pública, a ação individual e a ação coletiva” (ECKERT; ROCHA, 2013, p. 39), buscou-se por meio do diálogo entre diferentes olhares compreender a complexidade da experiência temporal humana. Atentando para a dialética da identidade narrativa, sobretudo no que tange à amplitude e à pluralidade temporal no reconhecimento de si pelos sujeitos da pesquisa, como alerta a etnografia da duração (ECKERT; ROCHA, 2013).

O ato de entrevistar exige um exercício de estranhamento daquilo que é familiar (VELHO, 2013, p.78) com o fim de que se confronte e se relativize intelectual e emocionalmente as diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos e situações apresentados na entrevista. A entrevista semiestruturada possibilita esse processo, pois, embora tenha questionamentos baseados em teorias e hipóteses da pesquisa, faz emergir informações de forma mais livre, e as respostas não são condicionadas a um padrão de alternativas (MANZINI, 1990/1991). Assim, as respostas dos entrevistados produzem novas questões, favorecendo não só a descrição dos fenômenos, mas também sua explicação.

As entrevistas desta pesquisa foram baseadas na entrevista compreensiva de Jean-Claude Kaufmann, que defende a aproximação entre entrevistador e entrevistado para uma melhor coleta de dados e construção de fontes. Buscou-se, portanto, romper a hierarquia entre pesquisador e sujeito da pesquisa com o uso de um tom de conversa entre indivíduos, reduzindo as distâncias (KAUFMANN, 2013). Além disso, empregou-se a escuta ativa e metódica (BOURDIEU, 1997), que equilibra a entrevista entre a pura não intervenção da entrevista não dirigida (aberta) e o dirigismo do questionário (questionário fechado), resultando no trabalho realizado de instigar e direcionar os entrevistados a partir das questões da pesquisa.

No que tange as representações do colégio, analisamos as entrevistas a fim de encontrar “as zonas privilegiadas – rastros, indícios – que permitem decifrar a realidade opaca” (GINZBURG, 1989, p.177-178). O cruzamento dos depoimentos dos alunos e dos transeuntes levou em conta a concepção de tempo histórico de Benjamim em que se rompe com a linearidade da sucessão dos fatos, para acessar um tempo heterogêneo, qualitativo, carregado de memória e atualidade e inseparável de seu conteúdo (LÖWY, 2005, p.124-125). Sendo assim, em meio a questões presentes demos um “salto de tigre em direção ao passado” (LÖWY, 2005, p.120) a fim de refletir a trajetória patrimonial dos maristas na cidade. Assumimos ainda, as noções de Velho e Gonçalves em nossos questionamentos sobre o patrimônio dos maristas, já que se trata de um objeto material que demarca um domínio subjetivo de um grupo humano sobre outro (GONÇALVES, 2003), bem como resulta de uma política que decide o que deve ser preservado e consagrado (VELHO, 2006, p.240).

Os resultados encontrados no exame dos depoimentos, com base no aporte teórico apresentado, nos levaram a incorporar a noção de território em nossa análise e a refletir sobre uma pedagogia da cidade produzida por esse patrimônio escolar católico na Tijuca. Ao perquirir os sentidos e as representações atribuídas ao colégio pelos colaboradores, chegamos à seguinte questão: Patrimônio para quem?

**Patrimônio para quem? Entre o morro e o castelo[[2]](#footnote-3)**

O exame das entrevistas dos antigos alunos e moradores da região nos levou a uma série de representações que o patrimônio investigado assumia para cada um deles dependendo de sua relação com o prédio. Para os alunos, o colégio significava um espaço mágico de recordação que merece ser preservado pela sua capacidade de fazê-los reviver os momentos vividos em seus anos escolares. Para os transeuntes, o colégio representa uma “instituição de valor”, “com um bom ensino”, “de tradição” e “bem conservado”. Entretanto, ao admirar a beleza e a grandiosidade do colégio, alguns destacam que a instituição não é para eles, pois se trata de um ensino direcionado à elite, à burguesia.

Esses moradores que indicaram certa distância do Marista em suas falas, vivem na favela do Borel, que está situada em frente ao colégio, e apareceu também em alguns depoimentos dados pelos antigos alunos. Os apontamentos da desigualdade de acesso ao colégio e o não reconhecimento desta instituição enquanto patrimônio pelos moradores do Borel chamaram a nossa atenção sobre a coexistência desses espaços habitados na Tijuca, nos levando a refletir o que a pedagogia da cidade comunica sobre essa convivência.

Circuito eletrônico com fios

Descrição gerada automaticamente com confiança média

Figura 2 - Mapa satélite mostrando a proximidade do Colégio Marista São José e a Favela do Borel

Fonte: Google Maps

O início da favela do Borel remonta a 1921, quando o Morro do Castelo, no centro da cidade, foi demolido pela reforma urbana do prefeito Carlos Sampaio (1861-1930), para construir os palácios da Exposição Internacional do Centenário da Independência (1922). A favela do Borel surge assim como uma nova oportunidade de moradia para a população pobre e proletária que precisava ser realocada por conta da modernização da cidade, tornando-se a região que mais recebeu os antigos moradores do Morro do Castelo (SIMAS, 2023).

A favela do Borel e o Colégio Marista São José, portanto, coabitam a região da Tijuca há muito anos, constituindo-se territórios, por se tratar de espaços identitários do bairro (SANTOS, 2006) que convivem numa região marcada pela presença de distintas classes sociais. As relações hierárquicas de uma comunidade sobre outra no território resultam em associação, dominação ou exclusão, dependendo das relações de poder e da política estabelecidas no local (ROSENDAHL, 2005). A percepção gerada pela simples presença do edifício dos maristas na paisagem pelos moradores do Borel lança luz sobre a posição hierárquica da igreja frente à favela, resultante da sua política patrimonial.

A pedagogia da cidade se manifesta no estilo de vida urbano, no aprendizado da civilidade e do direito à cidade, bem como nas funções pedagógicas expressas em projetos urbanos e escolares (MEDEIROS NETA, 2010). O Colégio Marista São José é um local de votação durante as eleições. Alguns moradores do Borel frequentam o local nesses períodos. Admiram a beleza do ambiente e sua grandiosidade, porém destacam que não é para eles. A instituição é percebida como um objeto de desejo, gerando sentimentos de distanciamento, separação e invisibilidade para aqueles que não fazem parte dela. A capacidade de fazer uso do território não só diferencia, mas também distancia os indivíduos, mesmo quando parecem estar próximos (SANTOS, 2006).

“(...) Uma coisa que assustou os pais foi a relação do morro com o colégio, a gente teve de pôr as placas de ferro na frente dos vidros das janelas. E os alunos também abaixavam quando no morro do Borel havia uma luta ali, uma insegurança para os pais”. Enquanto para os moradores do morro, o colégio representa distância e riqueza, para o colégio, a favela representa um perigo por seu cotidiano de confrontos armados, que chega a oferecer risco ao número de alunos matriculados. Entretanto, os recursos do caráter privado da instituição contribuem na amenização dos impactos da presença da favela na região. Inclusive um dos colaboradores transeuntes afirma essa questão ao ser perguntado sobre a fachada da instituição. “Melhor que as outras escolas, mas aí também é paga, né. Se fosse público, também não seria assim.”, nessa fala se evidencia o quanto os moradores do Borel se sentem desprovidos de acesso à educação de qualidade que é um direito social[[3]](#footnote-4) (BRASIL, 1988) a ser provido pelo serviço público.

Essa coexistência de territórios, um religioso e um favelado, aponta para as desigualdades urbanísticas acentuadas pela presença do Colégio Marista São José. Ao analisar a evolução temporal e a expansão geográfica da favela, bem como o direito e o acesso à cidade frente ao tombamento da instituição, é evidente que a presença da escola demarca uma área privilegiada, atendendo a uma elite social específica.

**Algumas considerações**

Não é possível olhar para um dos patrimônios tombados pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro no ano de 2000, o Colégio Marista São José, sem perceber a favela do Borel a sua volta. Essa convivência nos levou a interrogar as relações existentes entre ambos os territórios. A análise do processo de ocupação do morro e do contexto de construção do colégio nos mostrou uma convivência de mais de 90 anos. Com as entrevistas, inferimos que a presença do Colégio e da favela na Tijuca imprime uma demarcação de fronteira pela elite e pela Igreja, a partir do tombamento do colégio no início do século XXI.

Patrimônio para quem? Essa pergunta vem à tona ao percebermos que a favela e o colégio estão presentes na região quase pelo mesmo tempo, o que reforça a manutenção de uma desigualdade espacial intrínseca no desenvolvimento urbanístico da cidade. No mesmo período em que a congregação comprava o terreno para construir o colégio, trabalhadores removidos do morro do Castelo passavam a ocupar o que se constituiu como morro do Borel.

Reconhecendo que o tombamento tem o papel de preservar, isto é, manter a dinâmica de ocupação de um determinado espaço, optamos por refletir neste trabalho a pedagogia que este espaço da cidade comunica no que tange a convivência entre territorialidades de classes sociais distintas. Para tanto, rompendo com a linearidade do tempo, saltamos dos processos de ocupação para as observações no momento presente de moradores da região, alunos e funcionários do colégio a fim de apontar a manutenção da agência da igreja enquanto força modeladora do espaço frente às impressões daqueles para os quais o colégio não é um patrimônio.

Ao longo do tempo, por meio do tombamento, o Colégio Marista se legitimou como propriedade da elite, que o constitui como patrimônio para impedir a instalação dos demais estratos sociais nesse espaço. Enquanto isso, aqueles que habitam o bairro da Tijuca, no território do Morro do Borel, encontram-se do outro lado da linha - e da calçada - como se estivessem sentados na janela, apenas observando de longe espectadores olhando a vitrine de uma loja de luxo.



Figura 2 – Vista panorâmica da Favela do Borel

Fonte: DNONATO.BLOGSPOT.COM

Referências

AMOROSO, Mauro. As lutas do povo do Borel. Dicionário de Favelas Marielle Franco, 2024. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/As\_lutas\_do\_povo\_do\_Borel Acesso em: 27 de maio de 2024.

BOURDIEU, Pierre. Compreender. In : BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997, p.693-713.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas, Sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia Das Letras, 1989.

GONÇALVES, J. O Patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R. (Org.). **Memória e Patrimônio**. Rio de Janeiro: Dp&A, 2003.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva**: um guia para pesquisa de campo. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

LÖWY, M. **Walter Benjamín**: Aviso de Incêndio. Uma Leitura Das Teses “Sobre O Conceito De História” São Paulo: Boitempo, 2005.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MEDEIROS NETA, Olivia Morais de. É possível uma pedagogia da cidade?. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 10, n. 40, p. 212–221, 2012. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639815. Acesso em: 27 maio. 2024.

OLIVEIRA, Pedro; LEONARDI, Paula. O castelo do Harry Potter: a presença do Colégio Marista na Tijuca, Rio de Janeiro. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 41, 2023, Manaus. Anais eletrônicos. Manaus: ANPED, 2023. p.1-5. Disponível em: <https://base.pro.br/sites/41anped/trab.php?cod=12930>. Acesso em: 27 maio 2024.

ROCHA, Ana Luiza C. da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração**: antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ROSENDAHL, Zeni. Território e territorialidade: uma perspectiva geográfica para o estudo da religião. *Anais do X Encontro Geográfico da América Latina*, 2005. Universidade de São Paulo. p. 12928 - 12942.

SANTOS, M. O Dinheiro e o Território. In M. Santos. **Território, Territórios**. Rio De Janeiro: Dp&A, 2006.

SIMAS, Daniele. O desmonte do Morro do Castelo. Fundação da Biblioteca Nacional, 2023. Disponível em: https://www.gov.br/bn/pt-br/central-de-conteudos/noticias/o-desmonte-do-morro-do-castelo Acesso em: 27 maio. 2024.

VELHO, G. Patrimônio, negociação e conflito. **Mana**. Estudos de Antropologia Social, Rio de Janeiro, v.12, n.1, p.238-262, 2006.

VELHO, G. **Um antropólogo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

1. Os Irmãos Maristas das Escolas são uma congregação católica masculina fundada em 1817 na França. [↑](#footnote-ref-2)
2. O morro refere-se a favela do Borel situada na frente do colégio e o castelo refere-se à comparação do colégio por um dos colaboradores ao Castelo do Harry Potter. Para saber mais ver OLIVEIRA; LEONARDI, 2023. [↑](#footnote-ref-3)
3. A educação é um dos direitos sociais previstos no artigo 6º da Constituição Federal Brasileira. [↑](#footnote-ref-4)